



Medievalis

v. 13, n. 1 (2024)

|1

Educação na Idade Média: Distinção e Ordem das Ciências Especulativas no Comentário de Santo Tomás de Aquino ao De Trinitate de Boécio

Anderson M. R. Alves¹

Luís Carlos Silva de Sousa²

Resumo: Trata a distinção das ciências especulativas, a sua ordem de apreensão (de conhecimento), segundo o Comentário ao De Trinitate de Boécio, de Santo Tomás de Aquino, e a ordem de perfeição. Essa obra discute a cognoscibilidade de Deus e a possibilidade da teologia, a partir da distinção das ciências especulativas e seu modo de proceder, o que implica uma análise de termos técnicos de Santo Tomás, tais quais “abstração”, “separatio” e “resolutio”. Apresenta a obra de Tomás, no seu contexto histórico, o tema da cognoscibilidade de Deus, a distinção das ciências especulativas e seu modo de proceder. A metodologia é de pesquisa bibliográfica e conclui com uma análise técnica dos termos implicados nessa obra.

Abstract: It deals with the distinction of the speculative sciences, their order of apprehension (of knowledge), according to the Commentary on Boethius' De Trinitate, by St. Thomas Aquinas, and the order of perfection. This work discusses the knowability of God and the possibility of theology, based on the distinction between the speculative sciences and their way of proceeding, which implies an analysis of St. Thomas' technical terms, such as "abstraction", "separatio" and "resolutio". Thomas' work presents in its historical context the theme of the knowability of God, the distinction of the speculative sciences and their way of proceeding. The methodology is bibliographic research and concludes with a technical analysis of the terms implied in this work.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Comentário ao De Trinitate de Boécio. Abstração. Separação. Resolutio.

Keywords: Thomas Aquinas. Commentary on Boethius' De Trinitate. Abstraction. Separation. Resolutio.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontificia Università della Santa Croce (Roma), com título revalidado pela Unicamp. Professor adjunto de Filosofia na Universidade Católica de Petrópolis.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2401843549894209>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2878-8752>

E-mail: pe.anderson.alves@ucp.br

² Doutor em História da Filosofia (Medieval) pela Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com Estágio Pós-Doutoral pela Universitat d'Alacant (UA, Espanha). Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE). Professor externo permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9475060856310114>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7543-5904>

E-mail: lcarlossousa@unilab.edu.br





1. Introdução

Analizamos aqui a distinção e a ordem das ciências especulativas segundo o *Comentário ao De Trinitate* de Boécio, de Tomás de Aquino (1224/25-1274). Daí a exposição de dois temas fundamentais, a saber: (I) o tema da cognoscibilidade de Deus, central para se afirmar a possibilidade de uma teologia, e (II) o tema da distinção das ciências especulativas, a partir da abstração e da separação (Tomás de Aquino, 1959).

Segundo Romera (2020), a metafísica ensina três realidades: a) as coisas são o que são, ou seja, possuem uma natureza, independente da nossa vontade; b) os entes são dons para nós; c) se todo ente é um dom, talvez a nossa vida também se resolva na doação³. Parte da modernidade procura negar a bondade da natureza, que as coisas são um dom ao homem, e acabou deixando o homem “tremendo na nudez de um niilismo no qual o máximo de poder se une ao máximo de vazio” (Jonas, 1990, p. 29). Assim, surge a necessidade de investigar novamente a união entre natureza, verdade e bondade dos entes. É urgente recuperar o tema da conversibilidade entre bem e ser. Precisamos nos recordar que *omne quod est, in quantum est, est bonum*.

O “esquecimento” do ser – do ente enquanto ente – leva à negação da transcendentalidade do bem, que gera *niilismo* (Possenti, 2014). O niilismo, muitas vezes, une-se à aceitação moral do suicídio. Quando se nega que o ente enquanto tal é bom, o suicídio se torna um problema filosófico central. Sem a afirmação radical da bondade do ser, a afirmação e a transmissão da vida tornam-se racionalmente difícil, ou quase impossível (Brague, 2013) e esse é um dos sintomas da crise da sociedade atual. Para que a humanidade continue a existir, é necessária uma ideia cultural de fundo: a vida é boa, dotada de sentido, e vale a pena transmiti-la. Deve-se afirmar que o ente enquanto tal é bom, é um dom para mim. Deve-se admitir, novamente, com Tomás de Aquino (1224/25-1274), a conversibilidade entre ser e bem. Essa é uma ideia cultural chave, guardada pela metafísica.

Um problema fundamental, a ser analisado por Tomás de Aquino, no contexto da distinção e ordem das ciências especulativas, diz respeito ao estatuto da segunda operação do intelecto (*separatio*) na descoberta do sujeito (*subiectum*) da metafísica como ciência, tal como podemos encontrar no terceiro artigo da questão 5 de seu *Comentário ao De Trinitate de Boécio*. Esse texto vem suscitando diversas interpretações, não apenas entre

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zy1xwryBkGU>. Acesso em 25/06/2024.





medievalistas, mas também entre os que se situam no âmbito de recepção contemporânea do pensamento metafísico de Santo Tomás de Aquino. O texto, a seguir, está dividido em quatro seções: uma breve contextualização sobre a estrutura e a datação do *Comentário*; a análise da cognoscibilidade de Deus; a distinção das ciências especulativas, a partir das noções de abstração e separação.

2. Contextualização: Sobre o *In De trinitate*

Segundo Chenu, (1941-42, p. 432-434), Tomás de Aquino comentou dois dos cinco opúsculos teológicos atribuídos a Boécio: o *Super Boetium De Trinitate* (1256-1259) e a *Expositio libri Boetii De hebdomadibus*. Não dispomos da data e das circunstâncias precisas de elaboração desta obra, mas ela é, certamente, cronologicamente posterior ao outro comentário a Boécio (Torrell, 1999, p. 81-82). O tema discutido nesse último opúsculo é, sobretudo, metafísico, e diz respeito à doutrina da participação (Geiger, 1953; Fabro, 1963; Velde, 1995). Essas duas obras definem, no Ocidente Latino – da época carolíngia ao XII século – o âmbito da filosofia especulativa, antes da gradual introdução da *Metafísica* de Aristóteles (384-322 a.C.) e de Avicena (980-1037 d.C.). No século XIII, as obras de Boécio continuavam sendo estudadas e citadas, mas estavam perdendo a posição de absoluta importância que tinham antes. A escolha de Tomás de Aquino, por comentar aquelas obras no século XIII, era quase uma exceção na sua época (Porro, 2014, p. 91).

O *Comentário ao De Trinitate* tem duas partes: uma exposição literal do texto de Boécio e uma série de questões que examinam alguns problemas levantados pelo texto comentado (Elders, 1974; Nascimento, 1999). A exposição de Tomás do *De Trinitate* de Boécio é parcial. Tomás comentou o prólogo, o primeiro capítulo e uma parte do segundo capítulo. Depois de cada uma dessas três seções (prólogo, cap. I e cap. II), elaborou duas questões disputadas, cada uma dividida em quatro artigos. A obra consta de seis questões e vinte e quatro artigos (Grabmann, 1948; Hall, 1992).

Não se sabe se essa obra corresponde a um curso de Tomás de Aquino ou se foi uma obra feita sem o interesse de ser apresentada em cursos públicos. Foi composta entre os anos 1256 e 1259, paralela à redação do *De Veritate*. Essas obras são consideradas da juventude de Tomás de Aquino. Alguns temas tratados no *Super Boetium De Trinitate* são necessários à elaboração das grandes obras do Aquinate: o próprio *De Veritate* e as suas *Sumas*. Uma boa parte do texto (da *responsio* do art. 2 da q. 3 até a conclusão)





encontra-se com a escrita autógrafa de Tomás de Aquino, conservada no manuscrito Vat. Lat. 9850 (ff. 90ra-103vb) (Porro, 2014, p. 29).

3. A cognoscibilidade de Deus

Para situar a ciência que trata do que abstrai totalmente da matéria sensível, ou seja, Deus e as substâncias separadas, Tomás de Aquino apresenta a distinção entre os três grandes tipos de conhecimento teórico ou especulativo: matemática, filosofia natural ou física, e teologia. Esta é uma questão que ele irá abordar diversas vezes, desde o *Comentário ao De Trinitate*, em sua juventude, até o *Comentário à Metafísica de Aristóteles* (1270-1271), em plena maturidade, e que revela uma grande coerência interna na exposição dos textos.

No Prólogo de seu *Comentário à Metafísica*, Tomás de Aquino afirma que é próprio dos filósofos, que seguem a ordem do conhecimento natural, antepor a ciência das criaturas àquela divina, ou seja, a física à metafísica, esta entendida como ciência das substâncias separadas e do ente enquanto ente. Na modernidade, René Descartes (1596-1650) inverte essa ordem, como podemos encontrar na Carta-prefácio ao tradutor dos *Princípios de filosofia* (A. T., IX, 2, p. 14), acerca da relação entre física e metafísica. Ele pretende partir da metafísica, entendida sob a perspectiva do método, para depois afirmar a realidade do mundo e do homem (Gilson, 1930, p. 173-184). O teólogo, por outro lado, procede em sentido contrário: parte do que é mais conhecido em si – Deus e as substâncias separadas – e segue em direção ao que é mais conhecido para nós: as criaturas e os efeitos sensíveis. É, pois, em Deus mesmo que se deve colocar a origem da teologia. Mas aqui surge a primeira pergunta: podemos realmente ter um conhecimento de Deus que possa ser o início de toda a ciência divina? O primeiro grupo de artigos procura responder a esse problema.

Tomás de Aquino primeiramente discute com alguns mestres medievais que defendiam certa doutrina da iluminação divina, especialmente o franciscano Gilberto de Tournai (1200-1284). Eles diziam ser impossível à mente humana chegar a conhecer qualquer verdade, seja sobre a realidade criada, seja sobre a divina, sem a intervenção e o auxílio da luz divina.

A resposta de Santo Tomás a isso diz que temos uma luz que nos permite tornar inteligível em ato a realidade cognoscível: o “intelecto agente”, que representa a faculdade ou potência ativa da nossa alma. Isso não quer dizer que a operação humana





seja completamente subtraída ao influxo da virtude divina, mas a ação de Deus deve ser considerada no seu aspecto mais geral, pelo qual a sua eficácia causal se estende à conservação e à ordenação do mundo.

A nossa mente possui, portanto, tudo o que a consente de conhecer o que é possível ser alcançado naturalmente, e não há necessidade de recorrer a uma intervenção direta de Deus (S. MacDonald, 1996, p. 160-195). Aqui Tomás de Aquino se distancia de certa epistemologia neoagostiniana e franciscana. Para ele, ao se negar ao homem a possibilidade de conhecer ao menos algumas verdades inteligíveis através do próprio intelecto agente, nega-se o valor mesmo da essência humana, a sua racionalidade, assim como ela foi constituída por Deus.

A eficácia do intelecto agente e de outras potências criadas é sempre limitada. O intelecto agente nos permite conhecer os primeiros princípios naturalmente, mas não nos possibilita afirmar o que os transcende, como os futuros contingentes e as verdades de fé. Sobre as verdades de fé, a nossa mente necessita de uma luz divina particular: a *lumen fidei*. Mas como delimitar o que provém do conhecimento natural e o que provém da fé? Essa questão é semelhante à da crítica kantiana: qual é o limite do conhecimento humano? O que posso conhecer? (*Was kann ich wissen?*) A fé entra no campo do conhecimento humano?

Tomás de Aquino diz que, em geral, algo pode ser conhecido ou através da própria forma ou através de uma forma semelhante, assim como a causa pode ser conhecida através dos efeitos. O conhecimento que pode ocorrer diretamente, através da forma, pode acontecer em diversos modos: através da forma mesma de quem conhece, como Deus conhece si mesmo através da própria essência; através da forma que se extrai por abstração dos objetos conhecidos, assim como o nosso intelecto o faz, ao conhecer as realidades naturais. Ou através da forma que a mesma realidade conhecível imprime sobre a nossa faculdade cognoscitiva.

Nenhum desses casos é aplicável ao conhecimento de Deus. De fato, nós não o conhecemos na nossa essência, nem Deus imprime em nós a sua forma, uma vez que uma forma infinita não pode ser recebida em um intelecto finito. E tampouco conhecemos a essência divina por abstração, pois nosso intelecto agente pode abstrair apenas a verdade inteligível a partir dos fantasmas (das imagens) das realidades particulares, que nos são apresentadas pelos sentidos (Cfr. *S. Th.*, I, q. 84, a. 7; I, q. 85, a.1). Tanto no que se refere às substâncias imateriais, como no que diz respeito às materiais, não dispomos de suas





diferenças específicas, essenciais. Nas coisas sensíveis, as próprias diferenças essenciais nos são desconhecidas; temos conhecimento apenas das diferenças acidentais, que se originam das diferenças essenciais. Assim, não dispomos de definições essenciais, e conhecemos apenas por meio das descrições do mundo material (*De ente*, c. 5, 67).

Resta-nos dizer que conhecemos a Deus a partir de outras formas, ou seja, das formas dos efeitos. Entretanto, os efeitos permitem um conhecimento adequado da essência da causa somente quando são iguais ou proporcionais à causa mesma; e isso não ocorre no caso da relação entre a criatura e o criador, pois Deus excede ao infinito qualquer criatura. O conhecimento que podemos extrair dos efeitos nos permite, portanto, reconhecer a existência de Deus, mas não nos permite, pelo menos na nossa condição atual, conhecer a sua essência, que é o objeto da visão beatífica (Velde, 2006). Podemos, então, chegar a conhecer que Deus é, mas não conhecemos que realidade Ele seja. É possível assim afirmar a existência de Deus (*esse Deo*), sem negar o seu mistério. A essência divina continua superior à nossa capacidade de conhecer e à teologia natural. A teologia, segundo Tomás, é uma ciência essencialmente negativa em relação à essência de Deus. Ela nos afirma o ser de Deus, mas não a sua essência (Wippel, 1984, p. 215-241).

A luz da fé não nos permite ver diretamente Deus na sua essência – o que não é possível nessa vida – mas nos permite apenas compreender, por via negativa, que Deus está além e é superior a tudo o que podemos compreender naturalmente. Assim, é possível entender a natureza da Teologia para Santo Tomás: ela procede de modo afirmativo no que diz respeito ao ser de Deus e de outras propriedades demonstráveis naturalmente; e procede em modo negativo para tudo o que diz respeito à essência divina. Aqui percebemos a importante influência do Pseudo-Dionísio, o Areopagita, sobre Tomás de Aquino, com o seu conceito de “teologia negativa” (O’Rourke, 1992; Humbrecht, 1993; Rocca, 2004; Pegis, 1965; J. Owens, 1974). De Deus podemos conhecer o seu ser, mas não a sua essência. Segundo Santo Tomás, Deus só nos é conhecido como desconhecido. E de Deus conhecemos mais o que ele não é do que o que ele é (*In De div. nom.*, c. 7, 4). Mas, é preciso acentuar, o peso da teologia negativa do Pseudo-Dionísio não deixa de ser inserido na estrutura conceitual de inspiração aristotélica.





4. Distinção das ciências especulativas: abstração e separação

4.1 A divisão das ciências

As questões quinta e sexta do *Comentário ao De Trinitate* tratam da divisão da filosofia especulativa e o modo de proceder de cada uma das ciências. Com Avicena, Tomás recorda que a filosofia especulativa tem por fim a consideração da verdade (J. Wippel, 1984). A palavra latina *speculum*, da qual deriva especulativo, é equivalente a “espelho”, que reflete de modo limitado a realidade. A filosofia prática, por sua vez, tem por fim a ação, e a isso orienta o seu conhecimento. E como a matéria de uma ciência é sempre proporcional ao fim, a matéria das ciências práticas consiste no que nós podemos realizar e está de certo modo sob o nosso poder, da nossa liberdade. A matéria das ciências especulativas consiste no que não depende de nós, ou seja, as realidades externas.

A divisão das ciências no interior da filosofia especulativa está fundamentada nos diversos objetos das mesmas ciências. Tais objetos são considerados não em geral, mas sob determinado aspecto. As ciências se baseiam na diversidade de objetos sob determinada ótica, enquanto representam objetos “especuláveis”. Os objetos das ciências especulativas são o que Tomás chama de especulável. As características fundamentais dos “especuláveis” são duas: a imaterialidade, que é o caráter próprio do intelecto, e a necessidade, que é próprio das ciências. As características fundamentais dos especuláveis são a imaterialidade e a imobilidade.

Sendo assim, seguindo Aristóteles e Boécio a divisão entre as ciências especulativas é a seguinte: a) Há objetos que dependem da matéria e do movimento, ou seja, são inseparáveis da matéria e do movimento, segundo o ser e segundo a consideração. Tais objetos definem o âmbito da física ou filosofia natural; b) Há objetos que dependem da matéria segundo o ser, mas não segundo a consideração. São os objetos que constituem o âmbito da matemática; c) Por último, há objetos que não dependem da matéria e do movimento nem segundo o ser nem segundo a consideração.

Há aqui outra distinção: (1) os que são tais que não podem jamais estar na matéria e no movimento: Deus e as substâncias separadas; (2) os que são tais que podem ser sem matéria e sem movimento, ainda que às vezes se dêem na matéria e no movimento: a substância, o ente, o ato, a potência e outras noções semelhantes. Esses dois objetos constituem um âmbito unitário, com duas subclasses determinadas, designadas com os seguintes nomes: a primeira chama-se “teologia” ou “ciência divina”, na medida em que





o seu objeto principal é Deus. A segunda é chamada de “metafísica”, ou “trans-física”, porque na ordem da aprendizagem tal ciência segue necessariamente à física, uma vez que nosso conhecimento tem início com as realidades sensíveis.

Segundo a ordem do conhecimento humano – da aprendizagem – temos, pois, a seguinte ordem de ciências especulativas: a filosofia natural (ou física), a matemática, a “transfísica” e a teologia. Nesse sentido, a metafísica pode ser chamada também de filosofia primeira porque, de fato, todas as outras ciências recebem dela os seus princípios (Wippel, 1984, p. 37-53). Por isso, em si, não segundo a nossa consideração, a metafísica precede às demais ciências especulativas (Wippel, 1984, p. 55-67). Ela trata das seguintes realidades: o ato, a potência, a substância, o ente, os primeiros princípios da realidade e das demais ciências.

Assim sendo, a metafísica é anterior às outras ciências especulativas, ou seja, segundo a sua natureza, segundo a ordem da perfeição das ciências, e não segundo a ordem do conhecimento humano na vida presente. A ordem das ciências especulativas, segundo a perfeição das ciências é, pois, a seguinte: a mais alta é a teologia; em seguida temos a metafísica, a matemática e, por último, a física.

Portanto, a teologia e a metafísica, sob o aspecto da perfeição, são as ciências especulativas superiores. Segundo a ordem do aprendizado, a metafísica e a teologia são posteriores, no sentido de aprendidas depois da física e da matemática. Segundo a ordem da perfeição, teologia e metafísica são as ciências especulativas primeiras, pois as demais ciências recebem delas os seus princípios. Elas dão o fundamento das demais ciências e analisam os seus princípios. Segundo a ordem do aprendizado humano, porém, a teologia e a metafísica são ciências últimas, pois são aprendidas depois da matemática e da física.

Os artigos sucessivos do *Super Boetium De Trinitate* são comprovações das teses anteriormente defendidas, referidas à filosofia natural, à matemática, e à ciência divina. Dizem que a filosofia natural se ocupa do que é na matéria e no movimento, através da consideração das suas formas, que são imóveis e sem matéria (sem a *materia signata* e com a matéria comum, porque dessa depende a noção de forma). Assim, a filosofia natural não procede abstraindo a forma da matéria em sentido absoluto, mas abstraindo o universal (a matéria comum) do particular.

Sobre a matemática, Tomás de Aquino procura responder a uma objeção: segundo o afirmado, a matemática considera objetos mentais, que dependem da matéria quanto ao





ser, mas não segundo a consideração e o movimento. Porém, na realidade esses objetos só existem na matéria e no movimento. Portanto, a matemática seria a ciência que menos explica a realidade? O problema oferece a Tomás de Aquino a ocasião de distinguir as diversas formas de abstração e de separação e de esclarecer como procede a matemática.

4.2 Abstração e separação

A inteligência humana realiza dois atos: a simples apreensão e os juízos. A simples apreensão do indivisível capta a natureza dos entes. É capaz de abstração (separação), quando dois termos não dependem essencialmente um do outro, como a letra é inteligível sem a sílaba, como “animal” é concebível sem conceber o “pé”; a essa operação Tomás chama de “abstração”.

A “abstração” se refere ao fato de, pela simples apreensão, se distingue o que na realidade é unido, o qual pode ocorrer de dois modos: 1) quando se toma o todo das partes: essa seria a abstração do universal a partir dos particulares, a qual é própria da física; 2) ou quando se isola a forma da matéria de modo absoluto, quando a primeira não depende essencialmente da segunda; isso ocorre com a matemática e é possível porque a quantidade precede a todos os acidentes e pode ser considerada independentemente deles. A quantidade, de fato, não depende da matéria sensível, mas apenas da matéria inteligível. Por isso a matemática pode considerar os próprios objetos, que na realidade estão sempre na matéria e no movimento, prescindindo tanto da matéria quanto do movimento (Cunningham, 1958; Owens, 1972’).

Em síntese: a abstração pode ocorrer em dois modos: a) quando se extrai o todo das partes: é a abstração do universal dos particulares, própria da filosofia natural; b) quando isola a forma da matéria em sentido absoluto, o que é possível quando a primeira não depende essencialmente da segunda e isso ocorre na matemática.

A segunda operação intelectual diz respeito aos juízos de composição e divisão: nesse caso, o intelecto colhe o ser dos entes, que é o resultado da união dos diversos princípios dele. De modo que não há abstração do que é realmente unido; aqui aparece um termo técnico: a *separatio*, que diz respeito à operação do intelecto componente e dividente, que colhe o que na realidade é de fato separado, e diz respeito propriamente à ciência divina ou metafísica (Geiger, 1947).





Tomás de Aquino chama à ciência divina de “metafísica” ou “trans-física”; também distingue a “teologia dos filósofos” e a “teologia segundo a Sagrada Escritura” (*In Boeth. De trin.*, q. V, a. 4). Ele afirma que cada ciência trata de um determinado gênero (*genus subiectum*), do qual é possível considerar os princípios. E os princípios podem ser de dois tipos:

1) Alguns são naturezas completas por si e servem de princípios para outras coisas; 2) outros não são naturezas completas em si e não servem de princípios para outras coisas (como a unidade é princípio do número, o ponto é princípio da linha etc.). Os princípios comuns a todos os entes são os maximamente completos em si. Eles podem ser considerados sob dois pontos de vista: em si mesmos ou como princípios comuns de outras coisas. Em base a essa duplicidade pode ser finalmente entendida a mesma natureza dual da ciência divina:

Ocorre uma ciência na qual as realidades divinas não se apresentam como o sujeito mesmo da ciência, mas como os princípios do sujeito: e tal é a “teologia dos filósofos”, ou “metafísica”, na qual o sujeito é representado pelo ente, a substância, a potência, o ato etc. E ocorre também uma ciência divina na qual as realidades divinas se apresentam como sujeitos: tal é a “teologia segundo a Sagrada Escritura”. Os princípios que servem de sujeito são, em ambos os casos, realmente separados da matéria e do movimento, mas em modo diverso, e são os seguintes:

Deus e as substâncias separadas (sujeito da Teologia segundo a Sagrada Escritura), que não podem jamais ser, pela sua natureza, na matéria e no movimento; o ente, a substância e outras intenções deste tipo (objeto da “metafísica”), que não incluem, na própria razão essencial, a matéria e o movimento, e podem dar-se por vezes em uma e em outra realidade.

4.3 Os modos das ciências especulativas

Boécio afirma algo que Tomás mantém no seu comentário: a filosofia natural procede *rationabiliter*; a matemática, *disciplinabiliter*; e a ciência divina, *intellectualiter*. Cada um desses advérbios designa o modo de proceder (*modus*) das ciências, o que um pouco anacronicamente poderíamos chamar de *método*. Segundo Tomás, esses advérbios indicam o método mais próprio ou conveniente de cada ciência, mas não o modo exclusivo.





A física, por exemplo, não é a única a proceder de modo racional, mas é a ciência que melhor responde à dinâmica interna da nossa razão, diz Tomás. De fato, é próprio de a razão passar das realidades sensíveis àquelas inteligíveis, procedendo discursivamente (e não com um ato intuitivo) de uma coisa a outra.

A matemática procede *disciplinabiliter*: O advérbio *disciplinabiliter* tem um duplice significado. *Disciplina* é um termo latino que se refere aos termos gregos *máthesis* e *epistéme*. Boécio, ao traduzir a *Isagoge* de Porfírio, utiliza *disciplina* por *epistéme* (ciência). *Disciplina*, porém, pode também significar aprendizagem. Tomás no seu comentário usa os dois sentidos. Sendo assim diz ele que a matemática é a ciência que responde mais do que as outras ao critério de aprendizagem (é a mais fácil de ser aprendida). Ela é ainda a ciência mais certa de todas: mais do que as ciências naturais (Física), porque abstrai da matéria e do movimento, que tem sempre o caráter de instabilidade e contingência; e também é mais certa do que a ciência divina, pois considera realidades menos distantes dos sentidos e da imaginação do que a Teologia e a Metafísica.

A ciência divina (e a metafísica) procede *intellectualiter*. O que distingue o intelecto (*intellectus*, em latim, e *nous*, em grego) é a capacidade de apreender com um único ato uma pluralidade de termos ou objetos, enquanto a razão (*ratio*, em latim, e *logos*, em grego) faz a operação contrária e complementar, apreende o simples mediante muitos atos (*In Boeth. De trin.*, q. 6, a. 1 c.). Isso significa que a consideração racional (discursiva, com diversos atos) termina naquela intelectual (um ato) segundo a via da resolução (*resolutio*), ou seja, a razão conduz uma pluralidade de coisas à unidade de princípios. Por outro lado, a consideração intelectual (*intellectualiter* – ato único) é princípio daquela via racional *segundo a via da composição* (*compositio*), ou seja, enquanto apreende como unidade o que a razão abraça como múltiplo (Aertsen, 1996, p. 130-136).

Na *resolutio*, a *ratio* parte da pluralidade e o leva à unidade (*intellectus*); do múltiplo (juízos) ao uno (conceito), da circunferência ao ponto, dos juízos ao conceito; na *compositio*, o *intellectus* parte da unidade (do conceito) e engloba o múltiplo (os juízos). Nossa “inteligência” engloba, portanto, a *ratio* e o *intellectus* e funciona do seguinte modo: nossa razão trabalha com diversos juízos para entender e explicitar o conceito, pela via resolutiva (*via resolutionis*), de ascensão, de compreensão mais rica do





que é simples; passa assim do múltiplo ao uno, da circunferência ao centro, do tempo à eternidade (via das ciências naturais).

Por outro lado, o intelecto humano parte do uno e a partir dele engloba o múltiplo, pela via compositiva (*via compositionis*); a razão, de fato, compõe juízos para explicitar os conceitos contidos no *intellectus*; nesse caso, parte-se do centro e vai para a circunferência, da eternidade ao tempo (como ocorre na teologia).

O processo de resolução da razão (do múltiplo ao uno, dos juízos aos conceitos), em todas as ciências, culmina na ciência divina (metafísica e teologia). Tal processo pode ocorrer de dois modos distintos: a) segundo as causas extrínsecas (*resolutio secundum rem*); a razão busca a causa de todas as coisas e descobre que a principal delas é Deus mesmo; a *resolutio secundum rem* se funda na causalidade eficiente e chega a Deus como criador de todas as realidades naturais; b) Segundo as causas intrínsecas (*resolutio secundum rationem*): elevando-se das intenções (dos conceitos e axiomas) particulares às universais. Nesse caso, o termino último da *resolutio* é o ente e suas propriedades transcendentais, que constituem o sujeito da teologia entendida como metafísica; a *resolutio secundum rationem* se refere à causa formal de todas as coisas.

O Comentário ao De Trinitate constitui a melhor resposta de Tomás de Aquino ao problema da aparente dualidade do objeto da metafísica em Aristóteles. Para Aristóteles, a metafísica é, por uma parte, a ciência do ente enquanto ente; e, por outra, é a ciência do ente supremo: a substância imóvel e suprassensível. Para Tomás, ambas as afirmações são verdadeiras. Em sentido restrito, a metafísica é a ciência do ente enquanto ente (o ente é o seu *subiectum*), mas ela se ocupa de Deus e das substâncias separadas enquanto são os princípios do ente em geral.

O ente enquanto ente é conhecido através da *resolutio secundum rationem*, ou seja, pela via dos conceitos, da causalidade formal; as substâncias separadas são alcançadas pela *resolutio secundum rem*, através da via da causalidade eficiente, ou seja, segundo se observa a causalidade extrínseca das realidades. Por um duplice movimento a metafísica se constitui como a origem e a meta dos nossos conhecimentos. Sendo assim, ela é *meta-física*, ou seja, término de conhecimento enquanto o processo de resolução vem depois das demais ciências (física e matemática). E é também filosofia primeira, ou seja, origem, enquanto precede todas as outras ciências no processo de composição.





Como vimos (seção 3.1), há dois tipos de *speculabilia* que não dependem da matéria para ser: Deus e os anjos são do primeiro tipo ou classe de seres, enquanto substância e ente são incluídos no segundo tipo. Uma pergunta fundamental, que tem enorme repercussão na compreensão do sujeito da metafísica em Tomás de Aquino, é a seguinte: é permitido pressupor a existência dessas coisas que não dependem da matéria na ordem do ser? É possível conhecer seres imateriais sem pressupor a sua existência? Noutros termos: já conhecemos que os seres imateriais (Deus ou os anjos) existem para, então, descobrirmos o *ens inquantum ens*? (Wippel, 1984, p. 72-73).

Consideremos, inicialmente, a resposta de Tomás de Aquino à sexta objeção da q. V, a. 1, sobre a física e a matemática, como partes da ciência divina (entendida aqui como metafísica). Na objeção, a ciência divina parece formar um todo com relação à física e à matemática, já que os sujeitos destas são partes do sujeito daquela. A substância móvel e a quantidade, sujeitos da física e da matemática, respectivamente, são partes do ente. A ciência divina (filosofia primeira), por sua vez, tem como sujeito o ente. Portanto, a ciência divina não pode ser contraposta à física e à matemática.

A resposta de Aquino é importante para a questão acerca da pressuposição de seres imateriais (Deus e/ou anjos) na ordem da investigação do sujeito da metafísica, o *ens inquantum ens*. Tomás de Aquino afirma que, embora seja possível dizer que os sujeitos das ciências física e matemática sejam partes do ente, não é necessário que elas sejam partes da metafísica. A física e a matemática abordam partes do ente de acordo com um modo particular de consideração, distinto do modo considerado pela metafísica. Assim, não seria permitido dizer, de rigor, que os sujeitos dessas ciências sejam partes do sujeito da metafísica, apesar de ser possível dizer que o ente tratado por essas ciências tenha o mesmo modo de ser considerado pela metafísica. Assim, a metafísica pode ser vista como uma ciência particular, embora seu sujeito seja a totalidade dos entes, o ente enquanto ente. O que é descoberto como sujeito da metafísica não parece ser resultado de *abstração* dos entes segundo seu *grau* de remoção da matéria e do movimento (até chegarmos a uma abstração total), pois o modo pelo qual a metafísica trata o ente é distinto do modo de abstração das outras ciências. O termo “abstração” não aparece no artigo 1º, salvo uso do adjetivo “abstraídas” no ad 10m, ao se referir às “coisas matemáticas”. No artigo 3º, o tema da abstração é explicitamente considerado.





5. Considerações finais

Santo Tomás argumenta que, embora possamos afirmar a existência de Deus, não podemos conhecer a sua essência. Essa permanece no seu mistério. A teologia, portanto, é uma ciência que afirma o ser de Deus, mas não a sua essência. Essa sempre supera a nossa inteligência. A teologia procede de forma afirmativa, enquanto afirma o ser de Deus; e negativamente, enquanto afirma desconhecer a essência de Deus.

Tomás de Aquino distingue as ciências especulativas, a partir de Boécio, em física, matemática e teologia/metafísica. Cada uma tem o seu objeto e um método específico de estudo. A abstração envolve a separação da forma da matéria, enquanto a separação (*separatio*) é a operação do intelecto que reconhece o que é realmente separado na realidade.

Quanto aos métodos das ciências, segundo Santo Tomás, a física procede de forma racional, a matemática de forma disciplinar, e a ciência divina de forma intelectual, refletindo diferentes modos de apreensão da realidade. Segundo a ordem do aprendizado, a ordem das ciências especulativas é a seguinte, da menos perfeita à mais perfeita: a filosofia natural (ou física), a matemática, a “transfísica” (metafísica) e a teologia. Segundo a ordem da perfeição das ciências, a ordem é invertida: a mais perfeita é a teologia, seguida da metafísica. Posteriormente temos a matemática e a filosofia natural.

Referências Bibliográficas

AERTSEN, J. A. **Medieval Philosophy and the Transcendentals**: The case of Thomas Aquinas. Leiden: E. J. Brill, 1996.

AQUINO, T. D. *Expositio super librum Boethii De Trinitate*. Leiden: E. J. Brill, 1959.

BRAGUE, R. **Âncoras no ceu**: a infraestrutura metafísica. São Paulo : Loyola, 2013.

CHENU, M. -D. La date du commentaire de s. Thomas sur Le De Trinitate de Boèce. **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**, 1941-42. 432-434.

CHENU, M. -D. La date du commentaire de s. Thomas sur Le De Trinitate de Boèce. **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**, 30, 1941-42. 432-434.

CUNNINGHAM, F. A theory on abstraction in St. Thomas. **The Modern Schoolman (Saint Louis)**, 1958. 249-270.





ELDERS, L. Faith and Science: An Introduction to st. Thomas' Expositio in Boethii De Trinitate. In: AQUINO, T. D. **Expositio in Boethii De Trinitate**. Roma: Herder, 1974. p. 16-22.

FABRO, C. **La Nozione Metafisica di Partecipazione secondo S. Tommaso d'Aquino**. Torino: [s.n.], 1963.

GEIGER, L.-B. Abstraction et séparation d'après s. Thomas In de Trinitate, q. 5, a. 3. **Revue des sciences philosophiques et théologiques**, 1947. 3-40.

GEIGER, L.-B. **La Participation dans la Philosophie de S. Thomas d'Aquin**. 2^a. ed. Paris: J. Vrin, 1953.

GILSON, É. **Études sur le Role de la Pensée Médiévale dans la Formation du Système Cartésien**. Paris: J. Vrin, 1930.

GRABMANN, M. **Die theologische Erkenntnis – und Einleitungslehre des heil Thomas von Aquin auf Grund seines Schrift "In Boethium de Trinitate**. Freiburg: Paulus Verlag, 1948.

HALL, D. C. **The Trinity. An Analysis of St. Thomas Aquinas' Expositio of the De Trinitate of Boethius ("Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters", 33)**. Leiden/New York/Köln : E. J. Brill, 1992.

HUMBRECHT, T.-D. La théologie négative chez saint Thomas d'Aquin. **Revue Thomiste** , 1996. 535-566.

JONAS, H. **Il principio responsabilità, un'etica per la civiltà tecnologica**. Torino: Giulio Einaudi editore, 1990.

MACDONALD, S. Theory of Knowledge. In: (EDITORS), N. K. & E. S. **The Cambridge Companion to Aquinas**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996. p. 160-195.

MARITAIN, J. **Distinguer pour Unir ou Les Degrés du Savoir**. 5^a. ed. Paris: Desclée De Brouwer, 1946.

MARITAIN, J. **Distinguer pour Unir ou Les Degrés du Savoir**. Paris: Desclée De Brouwer. 5^a éd..





NASCIMENTO, C. R. Introdução à leitura do Comentário de Tomás de Aquino ao Tratado da Trindade de Boécio, questões 5 e 6: divisão e modo de proceder das ciências teóricas. In: AQUINO, T. D. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio - Questões 5 e 6**. São Paulo: UNESP, 1999. p. 11-73.

|16

O'ROURKE, F. **Pseudo-Dionysius and the Metaphysics of Aquinas**. Leiden : Brill, 1992.

OWENS, J. Metaphysical Separation in Aquinas. **Mediaeval Studies**, 1972. 212-218.

OWENS, J. Aquinas – 'Darkness of Ignorance' in the Most Refined Notion of God. **The Southwestern Journal of Philosophy**, Norman, Oklahoma, 1974. 93-110.

PEGIS, A. C. Penitus Manet Ignotum 27 (1965) 212-226. **Mediaeval Studies** , 1965. 212-226.

PORRO, P. **Tomás de Aquino: Um perfil histórico-filosófico**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

PORRO, P. **Tomás de Aquino: Um perfil histórico-filosófico**. São Paulo: Loyola, 2014.

POSSENTI, V. **Nihilism and Metaphysics: The Third Voyage**. [S.l.]: State University of New York, 2014.

ROCCA, G. P. **Speaking the Incomprehensible God: Thomas Aquinas on the Interplay of Positive and Negative Theology**. Washington D. C.: The Catholic University of America Press, 2004.

TORRELL, J. -P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua pessoa e obra**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

TORRELL, J.-P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua pessoa e obra**. São Paulo : Loyola, 1999.

VAZ, H. C. D. L. Tomás de Aquino: Do ser ao absoluto. In: VAZ, H. C. D. L. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 318-326.

VAZ, H. C. D. L. Tomás de Aquino: Do ser ao absoluto Escritos de Filosofia III:. In: VAZ, H. C. D. L. **Filosofia e cultura**. São Paulo : Loyola, 1997.





VELDE, R. **Participation and Substantiality in Thomas Aquinas**. Leiden: Brill, 1995.

VELDE, R. **Aquinas on God: The 'Divine Science' of the Summa Theologiae**. England/USA: Ashgate, 2006.

WIPPEL, J. Aquinas and Avicena on the relationship between First Philosophy and the other theoretical sciences (In De Trin., q. 5, a. 1, ad 9). In: WIPPEL, J. **Metaphysical Themes in Thomas Aquinas**. Washington DC: The Catholic University of America Press, 1984. p. 37-67.

WIPPEL, J. First Philosophy' according to Thomas Aquinas. In: WIPPEL, J. **Metaphysical Themes in Thomas Aquinas**. Washington DC: The Catholic University of America Press, 1984. p. 55-67.

WIPPEL, J. Metaphysics and Separatio in Thomas Aquinas. In: WIPPEL, J. **Metaphysical Themes in Thomas Aquinas**. Washington DC: The Catholic University of America Press, 1984.

WIPPEL, J. Quidditative Knowledge of God Thomas Aquinas. In: WIPPEL, J. **Metaphysical Themes in Thomas Aquinas**. Washington D.C: The Catholic University of America Press, 1984. p. 215-241.

